

Charles Gavin  
entrevista  
Fernanda Torres

PÁGINA 2



'Los de Abajo',  
a força do novo  
cinema boliviano

PÁGINA 4



Mauro Martins cria  
site para seu acervo  
de fotografias

PÁGINA 8



## 2º CADERNO

# A viagem interior de PAULO BETTI

Ator está em cartaz com o monólogo 'Autobiografia Autorizada', de sua autoria

**A**tor, diretor e dramaturgo, Paulo Betti se apresenta neste fim de semana na Caixa Cultural seu primeiro texto autoral, o monólogo "Autobiografia Autorizada", com direção de Juliana Betti e Rafael Ponzi.

O espetáculo é uma obra autobiográfica criada por Betti, baseada em textos escritos durante sua adolescência e artigos semanais que ele escreveu por quase trinta anos para o jornal de sua cidade natal, pequena Rafard (SP). Na peça, Betti representa vários personagens de sua vida, incluindo seu pai, mãe e avô, proporcionando ao público uma experiência divertida e emocionante.

Estreado em 2015, o espetáculo já percorreu diversas cidades brasileiras e internacionais, incluindo Sorocaba, São Carlos, Jundiaí, Araraquara, Piracicaba, Paulínia, Fortaleza, Uberlândia, Brasília, além de Luanda e Lisboa.

Paulo Betti, aos 71 anos, traz à tona sua trajetória de superação: saído de um contexto rural, onde seu avô, um imigrante italiano, trabalhava como meeiro para um fazendeiro negro. Filho de uma camponesa analfabeta

que se tornou empregada na cidade, Betti foi o décimo quinto filho, e, apesar das dificuldades, estudou em boas escolas, cursou um Ginásio Industrial em tempo integral, formou-se pela Escola de Arte Dramática da USP e lecionou na Unicamp. Segundo o ator, "a fixação pela memória da infância e adolescência, passada num ambiente inóspito e poético, merece ser compartilhada para provocar emoção, riso, entretenimento e entendimento."

Juliana Betti, filha do artista, destaca a importância emocional e reveladora do projeto. Ela compartilha que, ao ser convidada para dirigir a peça, ficou impressionada ao descobrir muitas histórias desconhecidas sobre a vida de seu pai, o que aprofundou sua admiração por ele.

Para artistas e aspirantes das artes cênicas, o projeto oferecerá também um workshop de interpretação para teatro e TV neste sábado (13). O objetivo é proporcionar contato com a interpretação para TV e teatro, oferecendo noções de interpretação, técnicas, ritmo e os tipos de dramaturgia característicos dessas modalidades.

### SERVIÇO

#### AUTOBIOGRAFIA AUTORIZADA

Caixa Cultural Rio de Janeiro – Teatro

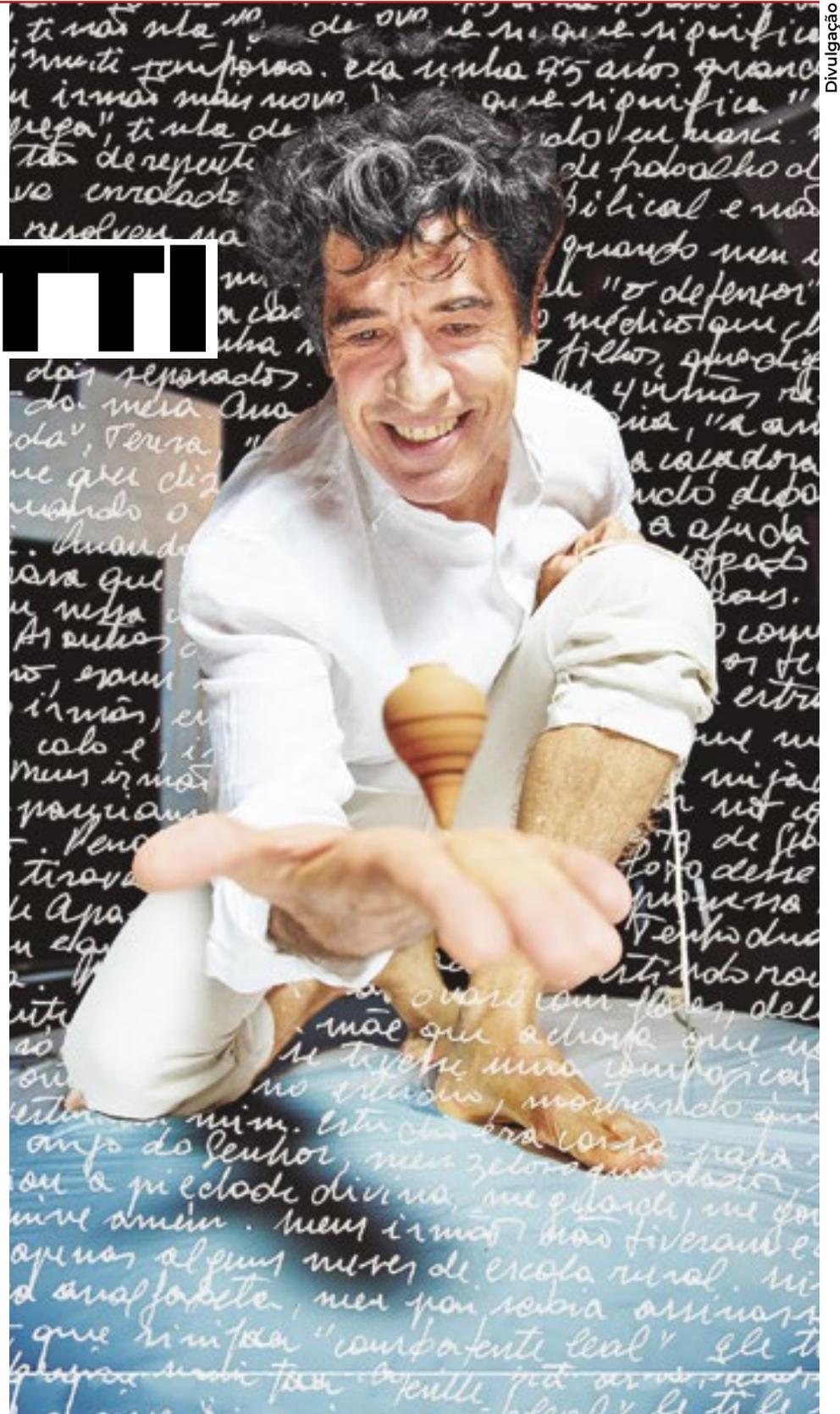
Nelson Rodrigues (Av. República do

Paraguai, 230, Centro)

13 e 14/7, sábado (19h) e domingo (18h)

Ingressos: plateia - R\$ 30 e R\$ 15 (meia) |

plateia superior: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)



Divulgação

## CORREIO CULTURAL

Um **papo cabeça** sobre o que faz **nossas cabeças**

Reprodução



Fachada da sede da Netflix em Los Gatos, Califórnia

## Clientes processam Netflix por compartilhamento de senhas

O fim do compartilhamento de senhas da Netflix, em 2023, levou a empresa de streaming a sofrer uma série de ações judiciais no país. Quase mil clientes entraram na Justiça para usufruir do benefício. Os processos correm em seis estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco.

### Baú do Cleber

Cleber Augusto lança "Baú de Cleber Augusto", um projeto especial que traz à tona músicas inéditas gravadas há mais de 34 anos pelo músico. O ex-ointegrante do Fundo de Quintal recuperou fitas k7 com preciosas gravações dessa época.

### Encarceramento

Juliana Diniz Cerqueira, porta-bandeira do bloco Simpatia é quase Amor, lança seu livro "Abrindo as Grades: o impacto do encarceramento feminino nas relações familiares" no dia 1º de agosto na Livraria da Travessa, em Ipanema.

As ações alegam, em sua maioria, que a Netflix não tem como prever que a senha não é dividida por familiares. Num dos processos, um cliente alega que sua filha não consegue acessar a Netflix da TV que fica dentro de seu quarto e pede indenização de R\$ 5 mil e autorização para dividir as senhas de sua conta.

### Harpa céltica

Formado por Enrico Euron (harpa céltica), Sara Cesano (violino) e Fabiana Turello (voz e percussão), o grupo italiano Euron Ensemble é a atração desta terça (9) do XIX RioHarp Festival. A partir das 15h no Centro Cultural Justiça Federal. Grátis.

### Encarceramento II

A partir de seu mestrado em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, Juliana entrevista mulheres egressas do sistema penitenciário. A autora espera que a obra provoque reflexão e desconforto nos leitores, impulsionando transformações nos sistema.

Charles Gavin abre projeto de entrevistas sobre as influências artísticas de personagens da nossa cultura. Fernanda Torres abre a série

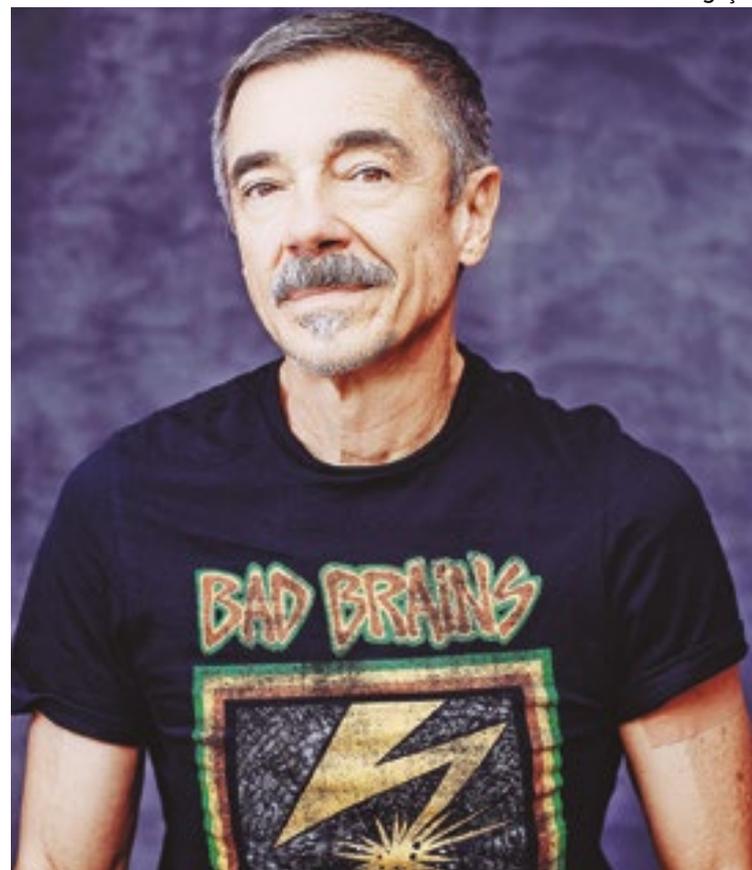
Por **Cláudia Chaves**  
Especial para o Correio da Manhã

**O** Manouche, casa que tem se caracterizado pela programação interessante, promove encontros, shows que trazem para sua plateia fidelíssima oportunidades únicas de ver artistas, músicos, filósofos em novos papéis. Assim, é o projeto que inaugura nesta terça-feira (9) o projeto "Belezas são Coisas Acesas por Dentro", de Charles Gavin, que recebe personalidades sobre os discos, livros e filmes que inspiram seus trabalhos e visões de mundo. A convidada deste programa de estreia é Fernanda Torres.

Ex-baterista dos Titãs, Gavin é músico, produtor musical, pesquisador e apresentador. Durante anos foi esteve à frente do programa "Som do Vinil" no Canal Brasil e, agora, além de todos seus outros projetos, apresenta também o programa "Cidade do Rock" na Rádio Cidade FM no Rio de Janeiro.

Gavin é dentro da panorama das artes do Brasil um desbravador. Seu apreço pela cultura brasileira declarou em entrevista à Continente Digital: "A gente tem que buscar parcerias, diversificar, buscar pro-

Divulgação



**Neste novo projeto, Charles Gavin receberá personalidades que vão falar sobre livros, discos e filmes que influenciaram sua trajetórias**

gramas nos outros lugares do Brasil. É nossa obrigação, porque a gente nunca pode colocar de lado a nossa diversidade cultural, é isso que nos fortalece."

Colecionador compulsivo de discos raros em vinil, o baterista transformou seu hobby em atividade e cuidou (e cuida) de relançamento de discos importantes da música brasileira fora de catálogos. Gavin também participou da recente turnê de celebração dos 40 anos de estrada dos Titãs, o "Titãs Encontro", com a formação clássica da banda, que rodou o país.

Habitué do Manouche, onde estreou seu projeto "Sete Cabeças

– "Revisitando Acústicos" junto a Luiz Brasil, trazendo repertório de álbuns acústicos emblemáticos da MTV. Agora com o lançamento de "Belezas são Coisas Acesas por Dentro", Gavin comemora seu aniversário, nasceu em São Paulo em 9 de julho, nos dando um presente.

### SERVIÇO

**BELEZAS SÃO COISAS ACESAS POR DENTRO | CHARLES GAVIN RECEBE FERNANDA TORRES**

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, - subsolo da Casa Camolese/Jd) 9/7, às 20h30  
Ingressos: R\$ 100 R R\$ 50 (ingresso solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação às vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul)

# Sopros apimentados

Carlos Malta e banda apresentam canções dos dois álbuns com releituras de clássicos do repertório de Elis Regina

Por Affonso Nunes

Um dos mais talentosos músicos de sopro do país, Carlos Malta e banda se apresentam nesta terça-feira (8), às 20h, no Espaço EcoVilla Ri Happy - Teatro Tom Jobim, no jardim Botânico, com show que reúne o repertório dos álbuns “Pimenta” (2000) e “Pimentinha Sessions” (2024) em que produziu versões com sofisticados arranjos instrumentais para canções eternizadas na voz de Elis Regina (1945-1982).

“Promover a circulação desse



Daniele Yanes/Divulgação

som, trazer a memória da Elis para as novas gerações, reforçar a natureza das canções, a beleza da harmonia, a coisa interessante do ritmo, as melodias rebuscadas. Era isso que Elis buscava no seu trabalho de interpretação e é isso que estamos buscando com este projeto: levar esse som ao público” – explica Malta que, no último fim de semana, lançou um videoclipe com a faixa “Alô, Alô, Marciano”, composta

**Carlos Malta e os jovens músicos que o acompanham em ‘Pimentinha Sessions’**

por Rita Lee (1947-2023) e Roberto de Carvalho e que Elis gravou em seu álbum “Saudade do Brasil” (1980).

Primeira incursão de Malta no repertório de Elis, o álbum “Pimenta” foi relançado este ano para efeito de inclusão nas plataformas

digitais. Com dez faixas, o trabalho se debruça sobre um repertório mais convencional de Elis com releituras para “Garota de Ipanema” (Tom Jobim / Vinicius de Moraes) e “O Bêbado e a Equilibrista” (João Bosco / Aldir Blanc), entre outras.

Se no álbum original Malta gravou com músicos de sua geração, em “Pimentinha Sessions”, ele escolheu a dedo uma banda de músicos bem mais novos que ele como

o pianista Antonio Fischer-Band, de 26 anos; o baixista Giordano Gasperin, de 33; o guitarrista Haroldo Eiras, de 27; o cantor Matu Miranda, de 29, nos vocalizes; o saxofonista Antonio Sechin, de 27; e o baterista Fofó Black, de 38. O repertório desse segundo álbum também foge do mais tradicional de Elis, seguindo por uma linha de lado B com releituras instrumentais de faixas como a já citada “Alô, Alô Marciano”, “Trem Azul” (Lô e Márcio Borges), “Aprendendo a Jogar” (Guilherme Arantes) e “Se Eu Quiser Falar com Deus” (Gilberto Gil).

A apresentação contará também com participações especiais de músicos que gravaram o álbum “Pimenta” e que tocam há mais de 30 anos com Malta: Augusto Mattoso, no contrabaixo acústico e Cliff Korman, no piano. E trazendo uma representatividade feminina para compor este tributo à Elis no palco, uma voz poderosa: a cantora carioca Ilessi.

## SERVIÇO

**CARLOS MALTA | PIMENTA, PIMENTINHA**

9/7, às 20h

Espaço EcoVilla Ri Happy - Teatro Tom Jobim (Rua Jardim Botânico, 1008)

Ingressos: R\$ 80

# Um Bob Marley como você nunca ouviu

Clássicos do rei do Reggae ganham arranjos sinfônicos da Nova Orquestra

Música de concerto, jazz e reggae se unem em uma noite especial. A Nova Orquestra se une ao Quartetinho Jazz no show “Positive Vibration”, apresentação que celebra nesta terça-feira (9), às 20h, no Teatro PRIO, a atemporal obra de Bob Marley (1945-1981), uma das maiores lendas da música.

Canções, ou melhor hisos, que marcaram diversas gerações como “One Love”, “No, Woman, no Cry”, “I Shot the Sheriff” e outros grandes sucessos são recriadas em arranjos orquestrais surpreendentes.

A Nova Orquestra começou o ano com fogos de artifício - literalmente. Os integrantes



Karyme França/Divulgação

**A Nova Orquestra segue para turnê em Portugal este ano**

acompanharam a queima que brindou a entrada de 2024 na Praia de Copacabana. Uma das atrações do festival Doce Mara-

vilha e prestes a embarcar para uma turnê em Portugal, a Nova Orquestra consolidou, ao longo dos últimos cinco anos, sua pre-

sença nos principais festivais do país, como Rock in Rio 2019 e 2022 e The Town 2023, além de colaborar com renomados artistas da música brasileira, como Pitty, Baco Exu do Blues e Jão.

Com mais de 70 concertos realizados por todas as regiões do país e no exterior, cativou mais de 500 mil pessoas em apresentações ao vivo e alcançou milhões digitalmente, evidenciando seu potencial e influência.

## SERVIÇO

**NOVA ORQUESTRA + QUARTETINHOD E JAZZ**

Teatro PRIO (Av. Bartolomeu Mitre, 1110B - Jockey Club - Leblon)

Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)



Destaque na seleção de títulos do Festival de Paraty, o longa 'Los de Abajo' mostra a luta do povo boliviano contra explorações sociais

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**A**gendado de 1º a 4 de agosto, o Festival de Paraty tem anunciado parcialmente as atrações de sua primeira edição, e incluiu entre os chamarizes de sua competição internacional um representante de la nueva onda estética dos bolivianos nas telas: “Los De Abajo”. Aos 41 anos, seu realizador, Alejandro Quiroga, conhecido por “Ginger’s Paradise” (2020), atrai para si um elogioso boca a boca que aponta seu ensaio naturalista sobre o determinismo nas zonas rurais como um dos grandes filmes de sua pátria.

Na rochosa realidade de “Los De Abajo”, a direção de Alejandro Quiroga não deixa muito espaço para a metafísica da fé. Afinal, estamos diante de um estudo sobre o vampirismo capitalista. Na opção de trilhar a rota ainda fértil do cinema de denúncia social, Quiroga dá a Mar Del Plata o que mais se assemelha a um herói, mas numa tradição histórica que vem (numa ponte histórica com a literatura) da prosa de “Germinal” (1885), de Émile Zola. É o chamado “herói

# Bolívia avança nas telas

‘Los De Abajo’, marca de excelência do novíssimo cinema boliviano, bate ponto na seleção de títulos do Festival de Paraty

do rendimento”, a figura histórica que traduz a batalha de um contingente de classe contra os vetores da escassez, movido pelo sentimento (e por uma necessidade mais física do que moral) de sobreviver. Essa é a figura encarnada por Gregório, papel que o ator Fernando Arze Echalada com retidão espartana. É, até aqui, a mais imponente atuação entre os filmes revelados pelo festival argentino.

Amparado numa montagem enervante, “Los De Abajo” é uma espécie faroeste marxista

sem tiros, com bicicletas no lugar de cavalos. Há pistoleiros, sim, mas do lado dos capitalistas, sintetizados na figura nefasta de um agente da gentrificação do campo, um cruel latifundiário vivido pelo argentino César Bordón (de “Relatos Salvajes”). O personagem dele quer oferecer uma ninharia por terras de pobres aldeões que sofrem com a falta de água. Cabe a Gregório desafia-lo. Tem bons motivos pra isso, fora a sanha heróica que o espírito denunciante do longa dá a ele. Ele tem um filho pequeno.

E fará de tudo para resguardá-lo, o que garante ao longa um colorido vivo. Vale lembrar que esse sóbrio trabalho de Quiroga é coproduzido pela MyMama Entertainment, do Brasil; Río Azul, da Argentina; e Chirimo-ya Films da Colômbia.

Espera-se que, em agosto, o 77º Festival de Locarno, na Suíça, vá receber um novo filme do Glauber Rocha boliviano: Jorge Sanjinés, um cronista das populações indígenas, sumido há seis anos, mas pronto para regressar com “Los Viejos Soldados”. O retorno do octogenário diretor, que começou a filmar em 1961, quando lançou “Sueños y Realidades”, ilustra a forma como nuestro vecino de América Latina tem valorizado seu cinema de autor. Desde janeiro, a Bolívia vive uma fase de excelência no circuito internacional dos festivais, a começar pela conquista do Grand Prix de Sundance, em Park City, nos EUA, concedido a “Utama”, de Alejandro Loayza Grisi.

“Utama” colecionava boas críticas quando um outro filme boliviano, “El Gran Movimiento”, de Kiro Russo, ganhou uma menção honrosa no IndieLisboa, em maio. Depois, em junho, via

Festival de Tribeca, Nova York ofereceu ao doído “El Visitante”, um ensaio antifundamentalista de Martín Boulocq, elogios, holofotes e a láurea de Melhor Roteiro. Sua trama narra a saga de um ex-presidiário que sai do cárcere para refazer sua vida com sua filha, sendo obrigado a encarar o fervor religioso de um pastor evangélico que adotou a garota.

Finalizando os acertos para se impor como um dos principais eventos cinéfilos do ano, o Festival de Paraty vai exibir “Los De Abajo” em competição com o português “Lindo”, de Margarida Gramaxo, e com o francês “O Baile das Loucas”, de Arnaud Des Pallières. Na competição brasileira de longas ficção, o evento exhibe “De Pai Para Filho”, de Paulo Halm; “O Mensageiro”, de Lucia Murat; e “Atena”, de Caco Souza. A disputa de documentários exhibe: “Rosa, a Narradora de Outros Brasis”, de Valmir Moratelli e Libário Nogueira; “Fernanda Younf – Foge-me Ao Controle”, de Susanna Lira; “Luiz Melodia – No Coração do Brasil”, de Alessanda Dorgan; “Mais Um Dia, Zona Norte”, de Allan Ribeiro; e “Samuel e a Luz”, de Vinícius Girnys.



Divulgação

Lobby do Batom



Divulgação

Deusa Menina

# Maratona cinéfila capixaba

Festival de Vitória anuncia programação com 78 filmes, entre curtas e longas, totalizando 70 horas de programação

Yuri Alves/Divulgação



Presença

Divulgação



Não se Aproxime: A Vida e Obra de Carmélia M. de Souza

O Festival de Cinema de Vitória divulgou a programação completa da 31ª edição, que será realizada entre os dias 20 e 25. Serão 70 horas de programação com 78 filmes (cinco longas-metragens e 73 curtas), divididos em 12 mostras competitivas, além de debates e atividades de formação. O evento terá como homenageados Lázaro Ramos e Suely Bispo.

“A seleção de filmes que compõem as mostras competitivas é um rico panorama do audiovisual brasileiro e, consequentemente, do Brasil. As formações são outro importante destaque da programação, já que um dos pilares do nosso evento é estreitar cada vez mais a educação da cultura. Além disso, é uma honra homenagear Lázaro Ramos e Suely Bispo, dois artistas múltiplos e que brilham em diversas áreas”, diz Lucia Caus, diretora geral do evento.

Os filmes selecionados, produzidos em 2023 e 2024, apresentam um recorte da produção audiovisual brasileira contemporânea e contemplam diversos gêneros cinematográficos em trabalhos que trazem narrativas plurais sobre o Brasil. As exibições acontecem à tarde, nas salas de cinema Marien Calixte e Cariê Lindenberg, e à noite, no Teatro Glória, no Sesc Glória.

As produções concorrem ao Troféu Vitória em 35 categorias e a escolha dos premiados é feita pelo Júri Técnico do Festival, composto por especialistas e profissionais ligados ao audiovisual brasileiro, e pelo Júri Popular, que escolhe o Melhor Filme em todas as mostras competitivas. As inscrições para o 31º Festival de Cinema de Vitória aconteceram de 29 de janeiro a 4 de março de 2024. Ao todo, foram cadastradas 1.217 produções de todas as regiões do país.

Fora de competição, o 31º FCV realiza duas sessões especiais: o lançamento do documentário “Não se Aproxime: A Vida

tem a curadoria de Bernadette Lyra e, neste ano, exibe o longa-metragem “A Noite das Vampiras”, de Rubens Mello.

As mostras competitivas são divididas em janelas de exibição que ocorrem à tarde e à noite, no Sesc Glória. As sessões noturnas serão realizadas no Teatro Glória, sempre a partir das 19h, e o público poderá conferir os filmes da 28ª Mostra Competitiva Nacional de Curtas, da 14ª Mostra Competitiva Nacional de Longas e da 13ª Mostra Foco Capixaba. A programação vespertina é dividida entre as salas de cinema Cariê Lindenberg e Marien Calixte localizadas, respectivamente, no 2º e no 3º andar do Sesc Glória.

As exibições na Sala Cariê Lindenberg têm início no domingo (21), às 14h, com a 9ª Mostra Mulheres no Cinema e, logo após, às 16h, com a 6ª Mostra Do Outro Lado – Cinema Fantástico. Na segunda-feira (22), às 16h, acontece a 13ª Mostra Corsária. E na quarta-feira (24), às 14h, é a vez de conferir os filmes da 11ª Mostra Outros Olhares - Programa Outros Brasis.

Na Sala Marien Calixte, os cinéfilos poderão assistir, no domingo (21), aos curtas-metragens da 14ª Mostra Quatro Estações (às 14h) e da 9ª Mostra Cinema e Negritude (às 16h). Na segunda-feira (22), às 15h, as produções da 7ª Mostra Nacional de Cinema Ambiental. Já na terça-feira (23), às 14h, serão exibidos os filmes da 11ª Mostra Outros Olhares - Programa Meu Corpo é Outro. A 8ª Mostra Nacional de Videoclipes fecha as exibições no espaço, na quarta-feira (24), às 14h.

Comandados pela pesquisadora, crítica, curadora e roteirista Viviane Pistache, os debates com os realizadores da 28ª Mostra Competitiva Nacional de Curtas, 14ª Mostra Competitiva Nacional de Longas e 13ª Mostra Foco Capixaba acontecem de 21 a 25 de julho, no dia seguinte às sessões, sempre às 10h, no Hotel Senac Ilha do Boi e são abertos ao público.

e Obra de Carmélia M. de Souza”, de Tati Rabelo e Rodrigo Linhares, produzido no Espírito Santo e que conta a história da escritora capixaba Carmélia Maria de Souza; e a exibição de “Lobby do Batom”, documentário de Gabriela Gastal sobre a presença feminina na política, seguida de debate com a presença da diretora e da produtora Renata Fraga. A programação do festival apresenta também a sétima edição da Mostra Cinema de Bordas, que

## CRÍTICA / FILME / TUDO EM FAMÍLIA

Divulgação Netflix

Por Bruno Ghetti (Folhapress)

O americano Richard LaGravenese foi o responsável pelos roteiros de alguns dos filmes mais preciosos da década de 1990. Foi ele quem escreveu, por exemplo, “O Pescador de Ilusões”, de 1991, e “As Pontes de Madison”, de 1995. Mas desde que passou a dirigir seus próprios filmes, em “Volta por Cima”, de 1998, mostrou que seu talento tinha limitações, muito embora exista certa qualidade em qualquer de seus trabalhos.

“Tudo em Família” não é roteirizado pelo cineasta, mas é uma nova aposta dele no campo das comédias românticas, gênero no qual acabou se especializando. Desta vez, investe em uma trama sobre o amor entre um homem e uma mulher mais velha.

Zac Efron interpreta Chris, astro de filmes de ação de qualidade duvidosa, cuja carreira há anos permanece estacionada no mesmo tipo de produções e personagens descartáveis. Mas é uma estrela, com direito a uma extrema vaidade pessoal e a ter assessores para resolver qualquer minúsculo problema em sua vida.

Uma de suas funcionárias é Zara, vivida por Joey King, uma espécie de faz-tudo, que conhece detalhadamente os caprichos de seu patrão e seu comportamento nada respeitoso com as mulheres com quem se envolve.

Mas um dia o ator conhece Brooke, interpretada por Nicole Kidman, mãe de Zara e uma escritora de grande talento, e os dois iniciam um romance. O que faz a garota ficar transtornada.

Em um primeiro momento, Zara se sente péssima porque acha que sua repentina promoção profissional se explica apenas como uma gentileza do patrão, querendo fazer um agrado a sua mãe. Depois, porque ela se dá conta de que, conhecendo bem Chris como ela conhece, o ator é capaz de magoar terrivelmente Brooke, como tem feito desde sempre com suas outras namoradas.

Em grande parte do filme, a talentosa King cria uma personagem um bocado birrenta, o que nos faz suspeitar de que ela não aceita o romance por um terceiro motivo: ciúme, puro e simples. Da mãe e do patrão. Ou, mais precisamente, porque é uma garota, no fundo, bastante mimada e com uma propensão ao egoísmo.

Essa suspeita vai se confirmando com o desenrolar da trama, e embora inicialmente



Ao longo do filme, os personagens de Kidman, King e Efron lidam com as dificuldades do amor e do sexo

# Sem escapar da mediocridade que assola o gênero

o público possa rejeitar esse comportamento infantilizado de Zara, com o tempo ela cresce enquanto personagem. Porque ela é um poço de contradições: entre amor, ciúme e despeito, ela se perde, e está a todo tempo cometendo erros, e tentando corrigi-los em seguida, mas não raro causando ainda mais complicações por causa disso.

Apesar de irritante, é uma boa personagem, com mais nuances que as comédias românticas, em geral, tendem a criar.

O filme também acerta ao mostrar a relação entre sogra e nora por um viés bastante incomum, de amizade e companheirismo. Kathy Bates, que interpreta a mãe do marido de Brooke, que morreu ainda muito jovem, tem poucas cenas, mas ela brilha sempre que aparece, no papel da senhora boa praça e sexualmente ouriçada.

Mas existe algo que desce quadrado na

interação entre Nicole Kidman e Zac Efron. Não se trata apenas de falta de química, ou meramente de estranhamento pela diferença de idade, é que simplesmente parece uma ideia improvável demais que algum dia Nicole Kidman fosse se interessar por Zac Efron.

Ainda mais sendo o seu personagem o poço de estupidez, o vácuo cultural e a encarnação da falta de refinamento que ele é, enquanto o de Kidman é uma mulher sofisticada, madura, pé no chão.

Nos trechos de idílio romântico, quando vemos o casalzinho brincando de se vestir com figurinos de filmes, ou quando aparecem bebendo vinho em uma praia ao pôr do Sol, ao som de uma música romântica genérica, o filme atinge instantes terrivelmente embaraçosos. Não há um pingão de verdade em absolutamente nada que aparece ali.

Em grande parte, é preciso dizer, o pro-

blema talvez seja Efron como um todo: nada do que diz respeito a ele parece real, genuíno. Desde os músculos ultraestufados do ator até seu rosto estranhamente anguloso e a pele irrealmente sem vincos.

Efron foi um ídolo adolescente carismático no começo da idade adulta, mas em menos de uma década, de repente ele parece ter migrado dos 18 aos 40 anos. Mas não um envelhecimento precoce, puramente; parece antes ter passado por um processo de robotização. Hoje em dia, ele tem uma figura improvável, engessada. A cada ano, se parece mais e mais com um androide.

“Tudo em Família” tem lá seus instantes, mas não consegue escapar à mediocridade generalizada que paira sobre as comédias românticas hollywoodianas há tempos. Entre todos os gêneros, talvez seja esse o mais agonizante na atualidade.

**A**s bailarinas Laura Samy e Alice Poppe estão em cartaz no Espaço Cultural Sergio Porto com “Cravo”, espetáculo criado originalmente para o audiovisual durante a pandemia, quando o isolamento social imposto pela Covid-19 isolou indivíduos em suas casas. Curiosamente, foi o isolamento que aproximou esses dois nomes respeitados na dança contemporânea. Este é o terceiro trabalho proveniente do encontro das duas artistas que vem em processo criativo desde maio de 2020.

Laura e Alice construíram carreiras longevas na dança, tendo trabalhado com grandes coreógrafos e encenadores. Elas se admiravam, mas nunca haviam atuado juntas. Em 2020, diante das incertezas do “novo normal”, criaram não um, mas dois projetos. O mais recente deles é “Cravo”, criado em 2021 e originalmente pensado para ser filmado, numa parceria que incluiu o cineasta Cavi Borges e o diretor de fotografia Fabrício Mota.

A proposta, que une ainda a trilha sonora de Sacha Amback à iluminação de Paulo César Medeiros chega agora ao palco três anos depois de ser concebido.

“Em ‘Cravo’, eu e Laura revisitamos figuras de nosso solos ‘Máquina de Dançar’ e ‘Dança Macabra’. Nos sentimos instigadas a tecer novas narrativas pelo gesto em comum de debruçar-se sobre nós mesmas. Agora, as duas figuras avançam lado a lado, movidas pelos sentidos de luta, sonho e memória que cada uma constrói enquanto avançam. Debruçar sobre si restitui o corpo como escuta e o remete ao espaçamento irredutível de seus contornos”, diz Alice Poppe.

A pesquisa de movimento e a sua relação com o espaço dão a tônica nas trajetórias das duas dançarinas. Algo construído em experimentações cujos resultados contaram com o olhar de grandes nomes, como Angel Vianna (com quem Alice Poppe trabalhou anos a fio), João Saldanha (com quem ambas trabalha-



*Em ‘Cravo’, originalmente concebido como um projeto audiovisual, Alice Poppe e Laura Samy se inspiram em clássicos da música, da literatura e do cinema*

# A pesquisa constante do movimento

As dançarinas Alice Poppe e Laura Samy voltam a atuar juntas em ‘Cravo’, em cartaz até o dia 21 no Espaço Cultural Sérgio Porto

ram) e, no caso de Laura Samy, o diretor teatral Enrique Diaz.

Cada novo trabalho parte de uma premissa aberta também a outras linguagens artísticas. O cinema, por exemplo. “Cravo” tem na sua gênese influências de clássicos da sétima arte, assim como dos diretores que lhe deram vida. Inspiradas em clássicos da música, da literatura e do cinema, a

estrutura tenciona a tradição e o contemporâneo sob a espacialidade rítmica da lente da câmera.

Alguns exemplos são “Martha” (1973), do alemão Rainer Werner Fassbinder (1945-1982) e “Repulsa ao Sexo” (1965), de Roman Polanski, entre outros. Uma inspiração ligada ao cinema, mas que abarca também a fotografia, é a do norte-americano

Man Ray (1890-1976), que revolucionou a relação da câmera com o objeto retratado.

Outra referência a se considerar neste trabalho é a do dramaturgo irlandês Samuel Becket (1906-1989), cuja peça “Dias felizes” também pautou a proposta do espetáculo.

O roteiro é dividido em oito movimentos – ou quadros. O

primeiro é o prólogo, seguido pelas demais cenas. As demais cenas são compostas por solos e duos. No caso desses últimos, o público tem diante dos olhos quadros nos quais os gestos conversam, provocando também contradições entre eles, num resultado vívido e visceral.

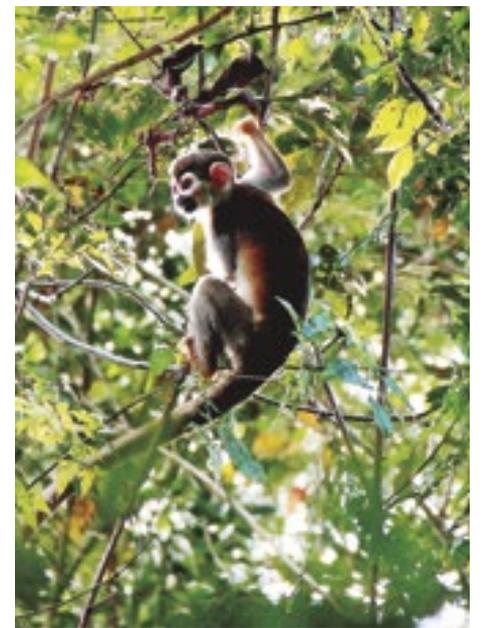
Da década de 1990 para cá, ganhou força o conceito de teatro-dança, impulsionado por propostas como as trazidas pela coreógrafa alemã Pina Bausch (1940-2009).

A relação entre público e plateia mudou. Laura Samy e Alice Poppe foram do palco ao audiovisual e voltam agora à cena, seu habitat natural. E a junção dessas duas artistas só pode resultar em algo instigante.

## SERVIÇO

CRAVO

Espaço Sérgio Porto (Rua Visconde Silva, nº, Humaitá)  
Até 21/7, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)  
Ingressos: R\$ 10 e R\$ 5 (meia)



Mauro Martins

# 'Minhas fotografias carregam muito de meu olhar cinematográfico'

Fotógrafo e cineasta Mauro Martins disponibiliza seu vasto acervo de cliques em site

**D**epois de 38 anos dedicados à imagem em movimento, o fotógrafo e cineasta Mauro Martins abre seu arquivo de fotografias, captadas nas suas andanças profissionais e pessoais, em um site para divulgação, exposição e venda de fotos, disponível na URL [www.mauromartins-foto.com](http://www.mauromartins-foto.com)

"Tenho muita coisa registrada, comecei a fotografar antes mesmo de entrar para o audiovisual e nunca parei. Minhas fotografias carregam muito do meu olhar cinematográfico de diretor de fotografia e de operador de câmera", explica. São fotografias coloridas e em preto e branco, documentais e conceituais que mostram o olhar atento e crítico de quem passou uma vida olhando por um visor.

Em seu novo site, Mauro apresenta coleções documentais, de paisagens, arquitetura, cotidiano, entre outras, e revela um pouco do Brasil por onde passou para fazer os filmes e documentários. "O audiovisual leva a gente para lugares que jamais iríamos por conta própria."

Mauro Martins trabalhou como diretor



**Mauro Martins apresenta coleções documentais, de paisagens, arquitetura, cotidiano, revelando um pouco do Brasil por onde passou ao fazer filmes e documentários**

de fotografia em produções de audiovisual como "Retratos de uma Pandemia" (Globo-play), "Receitas de Viagem" (Discovery) e "Missões de Vida" (HBO), no qual também assina a direção de cena, além de ter operado a câmera do cultuado "Bicho de Sete Cabeças" (2001), dirigido por Laís Bodanzky.

Porém a transição das imagens em movimentos para a fotografia estática não foi tão automática quanto parece. "Comecei a organizar meus arquivos de fotos still e percebi que não seria fácil juntá-las e criar uma narrativa que fosse além de belas imagens."

Apesar de muitas semelhanças, também há várias diferenças entre as duas linguagens. Nos trabalhos que dirigiu no audiovisual, partia sempre de um roteiro pré-estabelecido. E se valia não só das imagens, mas também dos diálogos, da narração, da música e da montagem.

Mas com as fotografias foi diferente: "De repente me vi envolto por centenas de imagens com as quais não conseguia criar uma narrativa para mostrá-las. Foi nisso que a pós-graduação me ajudou muito. Foram várias horas de discussão e textos sobre poética da imagem, simbologia, autoria, ensaios, narrativas e tudo mais ligado à imagem fotográfica. Realmente me abriu um horizonte novo."

Tudo isso pode ser visto no novo site do fotógrafo. "Quando exibo uma foto, espero causar no observador algum tipo de afeto, no sentido de afetar a forma como ele ou ela vê o mundo", resume.